

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 18 DE JULHO DE 1995

*Senhor Ministro da Cultura, Francisco Weffort; Senhora Curadora da
exposição brasileira em Praga, Sra. Ruth Escobar; Senhoras, Senhores,*

Queria aproveitar essa oportunidade – em que, com generosidade, este prêmio, *Triga de Ouro*, que é o prêmio máximo da Quadrienal de Praga, é transmitido a todo o Brasil, tendo sido recebido, na verdade, pelos nossos cenógrafos – para fazer alguns comentários e alguns agradecimentos.

Em primeiro lugar, o que disse a Ruth, aqui, é verdade: para que se participe de uma exposição ou de um evento cultural no Brasil de hoje, e lá fora, especialmente, é preciso ter muita energia, muita ousadia, muita perseverança e muita coragem. A Ruth tem tudo isso.

Se não fosse pela ação de pessoas desse tipo, dificilmente teríamos no Brasil tantas exposições culturais, tantos eventos importantes, porque, efetiva e infelizmente, a possibilidade que o Estado brasileiro tem de apoiar iniciativas culturais ainda é muito modesta. A sociedade, agora, começa a despertar para a importância de eventos dessa natureza. E, se não fosse, portanto, pela ação de algumas pessoas – por sorte

para nós, não é só a Ruth, há várias pessoas, aqui há algumas, não vou nem citar para não omitir –, não teríamos tido a possibilidade de, nesses anos todos, manter uma cultura tão viva, tão expressiva.

Eu queria, também, agradecer especificamente o trabalho dos cenógrafos, do José de Anchieta, que aqui está, do Serroni, da Daniela Thomas e de tantos quantos têm, nesse aspecto, nessa dimensão da vida cênica, contribuído para inovar.

Enquanto a Ruth falava, eu me lembrava um pouco dos anos em que ela não era atriz ainda, quando, para mim, foi um deslumbramento ver, no Teatro de Cultura Artística, em São Paulo, quantas vezes, no teatro de comédia, quantas vezes, a tentativa de renascimento do teatro, desde os tempos do Santa Rosa, desde os tempos do *Vestido de Noiva*, a que assisti com incrível admiração. Naquele tempo, fui com o meu pai – eu era menino ainda –, e era muito ousado ver espetáculos do tipo do *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues.

Depois, nos anos 50, a coisa foi mais enraizada já, e eu me lembro de Gianni Ratto, do Calvo e de todo aquele pessoal que fazia, realmente, obras muito importantes. Não era muito diferente do que é hoje, era uma luta, era uma dificuldade pouco pequena. Hoje o público é bem maior. Era um público pequeno, que tinha entusiasmo pelo teatro. E nós vemos como havia tanta gente já devotada ao teatro e com essas características de serem pessoas que estavam, com ousadia, tentando marcar algo de importante.

O teatro é muito complexo. Não é só escrever a peça, não é só representar. É a arquitetura, são os cenários, são os figurinos, é uma arte que sintetiza muitas outras e que requer trabalho integrado, coordenação. E, num país como o nosso, esse trabalho integrado, essa coordenação tornam ainda mais difícil de se ver a capacidade de realização.

Então, quando se consegue fazer alguma coisa, acho que é algo extraordinário. E não basta querer fazer e ter grandeza na proposta. É preciso ter capacidade para perseverar, para chegar à realização do que se deseja fazer. Portanto, não se trata simplesmente de uma expressão da arte, é mais que isso. É uma expressão, também, da condição humana.

E, nesse aspecto, o teatro aproxima-se da política, na medida em que também na política existe essa dimensão de que é preciso coordenar, é preciso motivar, é preciso ter objetivos, perseverar, é preciso ousar também e é preciso coordenar tudo isso.

Talvez por isso é que eu tenha, a vida toda, gostado tanto de teatro. No fundo, talvez estivesse me preparando para a vida política, mais do que para a vida artística, que nunca foi o meu forte.

Mas isso não quer dizer que a vida política seja só teatro, representação, embora esse aspecto de representação seja muito importante. O aspecto cênico e o aspecto simbólico também na vida política são muito importantes. E, nos dois tipos de vida – não vou falar como sociólogo hoje, nem de reivindicações, porque bastam os agricultores –, na verdade, há um outro lado, no qual nós nos encontramos. É que também há uma dimensão ética: há no teatro e há na vida política. E, quem sabe, essa fusão entre uma dimensão ética e uma dimensão estética seja, realmente, alguma coisa a ser valorizada reciprocamente; e, talvez, o ideal grego de estética e de ética. O meu nariz não é adunco, é mais achatado; não sei se dá para ser grego nos trópicos... De qualquer maneira, os temas, sim, são temas que permanecem.

E, ao ver essa geração de cenógrafos que não só reconstroem, mas também sintetizam tudo o que nós fizemos – nós, os cenógrafos, não eu –, tudo o que os cenógrafos fizeram, tudo o que houve de expressão cultural do passado, que eles, portanto, recapitulam essa vida, eles, ao mesmo tempo também anunciam que abrem dimensões novas. E quem tem o gosto de ver teatro – e a Ruth vê mais que eu, tanto a Ruth Escobar como a Ruth Cardoso – sabe que, na verdade, o teatro brasileiro é muito criativo, sobretudo nesse aspecto. Não é só no aspecto do ator, que também é, e do diretor, do autor, mas, no conjunto, graças a essa capacidade que tem de realmente inovar, de buscar espaços novos. Acho que nós, nesse setor, podemos dizer que estamos bastante bem aquinhoados.

Acho também que há certo simbolismo nessa *Triga de Ouro*, porque ela vem da República Tcheca, onde, lá como aqui, houve também um processo muito complexo. A Ruth fez referência às dificuldades políti-

cas, às dimensões mais árduas da vida, na luta democrática no Brasil. A República Tcheca passou por isso. Eles têm mais sorte que nós: o Presidente é autor de teatro.

Mas o fato é que lá também eles conseguiram sacudir a poeira do tormento kafkiano dos autoritarismos burocráticos, das burocracias pesadas. E hoje – eu estive recentemente lá – se percebe que a República Tcheca tem, de novo, uma vida extraordinária. Em qualquer igreja em que se entra, é Mozart tocando de novo, Mozart por todos os lados, e dizem que até as cegonhas voltaram para simbolizar todo um mundo de renovação que existe lá.

Então, esse prêmio vem de um país que tem, também, essa similitude com o Brasil.

Portanto, é com muita satisfação que o Ministro da Cultura e eu, em nome do povo brasileiro – se posso me expressar tão fortemente assim –, recebemos aqui este prêmio que, na verdade, é a síntese de tudo isso que nós buscamos; quer dizer, o reconhecimento de um trabalho que tem uma dimensão estética, uma dimensão ética e, de alguma maneira, uma dimensão política na forma de afirmação.

Acho que o teatro brasileiro é realmente extraordinário. Falou-se do Antunes, que está aqui. Ele sabe que, de vez em quando, quando posso, apareço lá pelo teatro para olhar, sem avisar. Eu vou, se a segurança e a imprensa me deixarem. Dou um jeito.

Realmente, nós temos tido contribuições extremamente significativas. E eu não gostaria de, ao agradecer, mais uma vez e vivamente, e ao louvar esse entusiasmo que a Ruth tem pelas coisas, não gostaria de terminar dizendo “muito obrigado, aqui tem um prêmio”. Acho que o Ministro da Cultura está comprometido com uma outra idéia que quero apoiar de público, e, quem sabe, nós possamos exibir mais tarde este prêmio lá. Nós temos que fazer um museu aqui em Brasília. Temos que marcar a cidade de Brasília como uma cidade que também tenha a sua característica cultural, a sua dimensão cultural, com muito apoio. Não é só do Presidente, não é só do Ministro, mas é do País. Aqui é a capital da República. Nós temos que lhe dar uma dimensão que vá além dos êxitos da economia, das reformas do Estado, das reivindicações de todo

tipo, que desembocam aqui. Temos que ter aqui em Brasília, também, esse significado – e para isso foi criada por gênios como Niemeyer e Lúcio Costa – para que ela tenha, também, um coroamento através de uma obra cultural, um museu. E que esse teatro aqui de Brasília seja usado por vocês com mais freqüência, e nós possamos, realmente, ter aqui uma vida cultural mais ativa.

Tenho certeza, como disse o Ministro da Cultura, que é sabidamente pão-duro, e diz ele que se inspira em mim... Mas, de qualquer forma, isso não pode servir de desculpa para que não se encontrem os mecanismos de realização daquilo que é necessário. E, por certo, o denodo, o entusiasmo, a coragem e tudo isso, bem como os refinanciamentos são parte da vida do mundo artístico em todos os países. Mas não basta. Se não houver, realmente, um apoio mais organizado por parte do Estado, do Governo e da sociedade, dos setores da sociedade que já dispõem de recursos suficientes para que algo permaneça sob a forma de contribuição à arte, de modo que não se dediquem somente à produção e ao enriquecimento, mas que possam se dedicar também ao enriquecimento espiritual, acho que sem isso as coisas não andam.

De nossa parte, estamos nos organizando com o Ministro Weffort para que possamos dar apoio mais efetivo. Creio que já há sinais claros dessa decisão, e apraz-me dizer que o número de pessoas que têm recorrido ao Ministério da Cultura, de grupos de todo tipo, aumentou consideravelmente – os últimos números que vi são impressionantes. Imaginei que, se eu quisesse me livrar de algum ministro da área econômica, era só lhe mostrar os números que ele teria uma síncope. Mas isso é um sinal muito positivo.

Existe, de novo, um momento de crença em que é possível fazer alguma coisa. E, se me permitem – já que estamos entre artistas – algum exagero, alguma liberdade poética nas expressões, eu diria que nós temos que viver o momento que estamos vivendo no Brasil, hoje, com uma perspectiva de renascimento. Não é só no Brasil. Acho que o mundo, hoje, passa por um momento que é extraordinário, extraordinário mesmo. Nós não devemos ficar só olhando para o umbigo e só choran-

do as nossas mazelas. Elas existem. Mas há coisas muito importantes que estão sendo feitas.

Praticamente, na minha geração houve várias revoluções do ponto de vista cultural, do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista da nova dimensão humana.

Nós até encontramos, hoje, uma preocupação que é rara, uma espécie de novo humanismo. O sujeito não pode ser mais indivíduo, não pode ser mais uma classe, porque os problemas se encontraram sem fronteiras, neste ponto de vista de países, de classes e de individualismos.

Como se resolve o problema ecológico, senão com uma visão maior? Como se controla o terror atômico, senão com uma visão maior? E, hoje, como se controla a economia, senão com uma visão global? Não é isso? Isso é uma revolução, uma revolução que já ocorreu. Nós somos todos testemunhas de uma transformação extraordinária e não podemos ficar de cabeça baixa diante disso. Temos que aceitar o desafio. E esse desafio abrange a cultura. Hoje isso é visível.

Antigamente se temia o cosmopolitismo – os que são mais antigos sabem disso. Hoje, quem é que coloca essa expressão? Essa cultura hoje é, ao mesmo tempo, uma expressão muito forte de alguma coisa que tem essa transcendência, digamos, na dimensão da humanidade e ao mesmo tempo é a produção individualizada, localizada. Já não se resolveu essa questão, e houve uma linguagem artística de tal maneira globalizada que é uma chance, é uma oportunidade imensa para os nossos artistas, que não são nossos, são do mundo.

Quando se ganha um prêmio desse tipo, é o reconhecimento disso. Já existe uma linguagem que foi muito modificada e que é uma linguagem, digamos, de um renascimento. A expressão pode parecer forte, mas é verdadeira. E, se há um renascimento, o renascimento não é só revolução científica, não é só descoberta de novos mundos, de novos continentes; não é só a formação de um mercado amplo: foi, também, o renascimento clássico, uma dimensão artística extraordinária.

Pois bem, isso está acontecendo hoje, está acontecendo ao alcance da nossa imaginação. E nós não podemos viver numa época de renasci-

mento como se estivéssemos na Idade Média. Não estamos na Idade Média: estamos num momento de grandeza.

E, o tempo todo, vejo – não vou usar a palavra nhenhêhêm, porque depois vai a imprensa toda... –, vejo um nhenhêhêm permanente, uma choradeira permanente, sem que se dêem conta de que o mundo é fantástico e de que nós temos potencialidades imensas, e o Brasil participa disso, com uma nova dimensão.

Então, agora, os setores artísticos, que são os mais sensíveis, embora talvez não precisem nem fazer grandes raciocínios sofisticados para chegar a essa compreensão, percebem isso e já vivem nessa nova dimensão. E, se a Ruth faz a toda hora esse festival cênico, traz gente de toda parte do mundo para vir aqui ao Brasil, para representar, que ninguém nem entende muito bem, é porque ela percebeu essa dimensão.

Há uma dimensão de renascimento, uma dimensão global, uma dimensão de criatividade, da qual vocês participam.

Acho que este prêmio é, digamos assim, um exemplo vivo disso. Os nossos cenógrafos também vivem no ritmo do novo tempo e na dimensão do mundo.

Eu agradeço muito.

Muito obrigado.

